

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES: O HOMEM E A OBRA

ARMANDO SOUTO MAIOR
Universidade Federal de Pernambuco

O saber e o fazer de um grande historiador sobre vivem a sua morte e têm a permanência da própria história. Nesse caso, a obra e o tempo — a obra como percepção e o tempo como imanência — interpenetram-se e criam as condições de perenidade. Este é o caso de José Honório Rodrigues, cuja vida e cuja obra além do exemplo que representam impõem reflexões hoje tanto mais importantes quando se sabe que ainda estamos às voltas com uma historiografia na qual quando os fatos não se conciliam com a teoria ou o sentido da história, tanto pior para os fatos, como sarcásticamente disse Lukács.

Uma crítica reacionária, coetânea e contemporânea, olhou, desconfiadamente, para a invasão dos pobres em suas páginas sem a antiga passividade de simples e contundidos expectadores e voltou ao falacioso problema do papel do indivíduo na história, contraposição entre o herói e a massa, velha quimera da filosofia da história a morder continuamente a sua própria cauda, porque "indivíduo" e "povo", na verdade, atuam em níveis distintos. As massas, como irridantemente repetiu tantas vezes Edward Carr, têm relação sobretudo com as mudanças históricas a longo prazo; os indivíduos são agentes imediatos de acontecimentos concretos e singulares.

A obra de José Honório Rodrigues deixou lições permanentes. Uma delas é a de que a história é uma forma de liberdade espiritual que é uma das mais puras de quantas liberdades se possa obter.

José Honório Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro,

a 20 de setembro de 1913, e descendia, pelo lado materno, dos fundadores da Cidade. Sua primeira paixão foi o próprio bairro onde nasceu e o seu clube de futebol o Flamengo. Ali mesmo cometeu artigos para a revista estudantil "A Época" e cursou a Faculdade Nacional de Direito, onde então pontificava Castro Rabelo, homem de regular cultura histórica e que, inteligentemente, estimulava alunos que não morriam de amores pela judicância cartorial a se dedicarem às letras e à pesquisa do passado. José Honório foi um deles. Em 1935, arreliado com o profetismo do materialismo histórico, estará às voltas com Max Weber que marcará profundamente toda a sua obra. Com muito pouco de bacharel e muito de weberiano sairá da Faculdade de Direito e em 1943 receberá um Prêmio de Erudição criado pela Academia Brasileira de Letras.

No ano seguinte, com uma bolsa de pesquisa da Fundação Rockefeller, frequentará a Universidade de Columbia e fará suas primeiras pesquisas nos arquivos norte-americanos. Uma outra bolsa, em 1950, concedida pelo Conselho Britânico, permite-lhe pesquisas em arquivos ingleses sobre a história do Brasil.

De volta ao Rio de Janeiro estará no Instituto Nacional do Livro, na Seção de Publicações, então dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, e daí passará a diretor interino da Biblioteca Nacional e diretor efetivo do Arquivo Nacional, onde encontraria o seu "oceano vital" de obras raras e documentos históricos. O magistério completa-lhe sua fecunda vida intelectual nessa época quando também ministrará um curso no Instituto Rio Branco, preparando nossos futuros diplomatas na área de história do Brasil.

José Honório foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da "Royal Academy of History" e pertenceu a "American Historical Association". Consultor de várias revistas internacionais como a Hispanic Historical Review, a Historical Abstracts e Cahiers d'Histoire Internationale, seus artigos espalharam-se em outras publicações estrangeiras, destacando-se particularmente International Affairs (Inglaterra), Forum Internacional (México) e Política (Venezuela) e daí as exigências constantes de conferências no exterior e de uma exigência que fez a si mesmo — a de dirigir o Instituto Brasileiro de Relações Inter-

nacionais e de editar, até 1968, a Revista Brasileira de Política Internacional.

Comentada e registrada nas maiores bibliografias históricas mundiais, a obra de José Honório Rodrigues constitui hoje um "raport" imprescindível a quem queira se dedicar em profundidade ao estudo da história brasileira. Se estrangeiro, será guiado inicialmente pelas referências do Guide to Historical Literature (New York) ou pelo Bucherkunde zur Weltgeschichte (München). Se brasileiro, terá logo a sua disposição a Teoria da História do Brasil, editada pela Companhia Editora Nacional, hoje um clássico.

José Honório Rodrigues soube abranger, com maestria e inteligência, distâncias temporais dentro de categorias históricas perfeitamente detectadas e definidas. Talvez aí esteja, a sua primeira grande virtude intelectual, que o projeta como um mestre da análise histórica e, provaavelmente mais do que isso, um modelo de como se pode detectar as linhas da história e as linhas do poder de cada época.

Em sua obra "Filosofia e História", onde essa virtude predominantemente aparece pode se observar o seu cuidado com a dicotomia entre história real e história oficial, esta última a louvaminheira de vencedores, que tanto mal fez e continua fazendo à memória social. Não se deixou, portanto, José Honório Rodrigues siderar pela exclusividade documental e na obra está bem claro que um mesmo documento pode responder a perguntas que não foram formuladas pelas gerações anteriores, desmitificando-se assim a ilusão da objetividade histórica. O livro, na época em que foi escrito, foi também uma vacina contra as duas enfermidades intelectuais que mais acometiam os historiadores de então: a recoleção a filosofada e mecânica de fontes e fatos e a subserviência total aos modismos ideológicos.

Seu compromisso era com a história enquanto ciência, que, praticou, ao longo de seus quarenta anos de fecunda atividade, como crítico e analista da realidade brasileira e nessa condição foi um teorizador especial, porque sua obra está pertinazmente pontilhada de exemplos — para os quais chama e cobra sempre a atenção — de como nossa economia esteve voltada para fora, buscando satisfazer, com gêneros primários, às necessidades do mercado

internacional. Ao mesmo tempo, sua consciência de intelectual nacionalista repudiava ufanismos irresponsáveis, tão freqüentes nas posições e teses nacionalistas de então, como nas xenofóbias travestidas de crítica histórica, e foi assim que arremeteu, de ponto em branco, contra o mito do brasileiro como "homem cordial", atraindo, naturalmente, antipatias tanto de saudosistas como de ufanistas.

A inquietude erudita seria permanentemente o contraponto da atividade intelectual de José Honório. Como Henri Pirenne e Lucien Febvre soube amar a vida quase com sofreguidão. Os que tiveram o privilégio de sua convivência poderão testemunhar como sempre defendeu a idéia e a prática de que o historiador deve ter um grande interesse por todo e qualquer aspecto do seu entorno. Este seu envolvimento com a vida, a sua relação física com o cotidiano, tornam mais compreensiva a ênfase dada em sua "Filosofia e História" à participação e ao engajamento, ao afirmar que *"a relação do passado com o presente é uma relação histórica; como porém o presente se liga ao futuro se torna existencial. Daí a necessidade de engajamento do historiador com o presente e o futuro, e sua conscientização desse relacionamento"*.

Por isso a história em José Honório Rodrigues foi combatente, mais ação do que contemplação, como aliás indica um de seus livros "História Combatente", onde reuniu uma série de estudos e ensaios, produzidos em diversas épocas de sua vida. Na apresentação da obra, cujo título inspira-se nos *"Combats pour l'Histoire"* de Lucien Febvre, está a visão que o autor tem de si mesmo: *"o livro reflete o que tenho sido de militante não-partidário na minha vida. Nunca combati por partidos, mas a história me ensinou as mazeelas, os erros, os equívocos do processo histórico brasileiro"*.

Ortega já distinguira, com literária elegância os "períodos acumulativos" dos "períodos polêmicos". Os primeiros seriam aqueles onde uma geração se considera quase homogênea e se solidariza com a anterior, o que vale dizer que as estruturas continuam as mesmas; os "polêmicos" seriam combatentes, iniciariam coisas novas, são os que reparam e criticam. Na historiografia brasileira José Honório abre um novo ciclo, um tempo de mudança, — polêmico no sentido orteguiano — deixando porém visível sua fidelidade

às matrizes culturais de Benedetto Croce e sua sempre revitalizada teoria de que toda história é contemporânea. Entretanto, sua análise é de história como plural, porque sabia perfeitamente que cada historiador sofre, quer queira ou não, a influência das ideologias de sua época ou de seu grupo social. José Honório sempre esteve consciente dessa circunstância que é intrínseca à condição humana e também esteve consciente das responsabilidades de seu próprio engajamento. Percebeu, como nenhum outro intelectual de sua época, a permanência na realidade brasileira de arcaicos elementos coloniais como o absolutismo, o patriarcalismo, o paternalismo e o autoritarismo, que tiveram como consequência, o divórcio entre poder e sociedade. Daí ter assumido em "Aspirações nacionais" uma posição "en garde" contra a tradição, essa falaciosa e perigosa pauta cultural, extremamente útil no controle de indivíduos, classes e sociedade.

Em 1966, após um curso na State University of New York, José Honório recebeu um convite para ser "*full professor*" com "*tenure*", o que corresponderia, em termos relativos, a professor titular, com estabilidade e demais regalias, em uma universidade brasileira. Sua resposta foi a de que poderia aceitar o cargo apenas por um semestre e a reação do reitor foi a de indisfarçado espanto. José Honório foi explícito: era um historiador brasileiro e achava que só poderia continuar a sê-lo, vivendo no Brasil. O seu nacionalismo, entretanto, não lhe limitou a temática a que se havia proposto pela entranhada convicção que tinha de que a história do mundo como um todo já começara. Reagia assim, como William Buchanan e Hadley Cantrel, contra a antiga teoria do que poderia ser um "caráter nacional" e apresentava o nosso como um produto de formas sociais variáveis, com mudanças históricas e correlacionado temporalmente com as nossas tendências demográficas. Assim, o Brasil, na ótica honoriana, apresenta-se como um verdadeiro continente cultural, desenvolvido e subdesenvolvido, africanizado e ocidentalizado, apressado e lento na evolução social e econômica, e no qual as seqüências temporais ensinam formas variadas de conformidade e rebeldia.

A pluralidade brasileira levou-o portanto a negar a existência de um "caráter brasileiro", olhando com reservas até uma possível série de "categorias" onde se

alojasse. Para ele o simplismo — é triste, não é triste, é ou não cordial, é ou não hospitaleiro — não bastava. Dos portugueses nos distanciamos muito e para ele seria estulto interpretar o Brasil como uma mescla de alienados euro-afrancesados, pais de santo, senhores de engenho, cangaceiros e industriais. Na ótica de José Honório a experiência brasileira foi o produto da confluência não somente dessas mas de muitas outras fontes, antigüidades esquecidas ou transformadas, novidades absorvidas, adaptadas e eliminadas, devendo o estudo da história nacional ser fundamentalmente a análise crítica dessas mudanças e de seus efeitos sobre o país como um todo.

O Brasil foi, muitas vezes, uma desesperada caricatura da cultura européia, mas abriu caminho para a sua própria síntese pelo aparecimento de várias minorias urbanas, o desespero de sua classe média e a tortuosa dinâmica resultante das lutas entre as intolerâncias oligárquicas. É esta a síntese analisada em "Aspirações Nacionais" e nesta obra, publicada em 1962, ainda hoje, um quarto de século depois, há palavras de permanente atualidade e que soam como um grito de bom senso na política brasileira: *"não se pode admitir poder presidencial fraco, nem esta tendência lunática de fragmentação do Poder — que é o parlamentarismo — num país que tem vivido em estado mercurial. Será a Presidência o símbolo da Reforma e o Congresso o símbolo da Contra-reforma? É certo que temos o costume, velho costume personalista, de atribuir aos presidentes as maldades e as bondades de nossos governos — muitas delas menos causa que efeito"*.

José Honório Rodrigues compaginou Gilberto Freyre em muitos momentos e talvez se possa dizer que possuíam a complementariedade que lhes advinha da formação histórica de um e a sociológica do outro. Gilberto foi um otimista, José Honório um trágico. Para este a história é verdadeiramente dramática, é a própria inquietude, é o viver sem repouso, renovando-se sempre não apenas na solidão ou na meditação, mas também no contato público, com a vivência e a convivência.

Não somente a produção intelectual, mas o cotidiano, o dia-a-dia de José Honório Rodrigues foi essencialmente vitalista. O escritor erudito, o historiador por ex-

celência, foi torcedor do Flamengo, em cujas partidas sofria ou exultava em catarses periódicas, que lhe aliviavam a alma e tornavam sua convivência popular e seu relacionamento com o seu entorno social, contemporâneo, popular e indiscriminado.

O Brasil na ótica honoriana não é um país jovem, como se diz e se repete ainda hoje, tomando-se apenas nossa dimensão temporal, sobretudo na historiografia apressada, pouco pensante e afilosofada. José Honório viu, lucidamente, que a sociedade colonial e imperial brasileira baseou-se em um "privilégio de sociedades envelhecidas" que é a aristocracia rural. Assim, seríamos um país velho, cheio de tradições e constituído, geralmente, por brasileiros de mais de três gerações, o que não é o caso argentino e o nor^{te}-americano.

Somos, por outro lado, um país mestiço na cor e na substância e nossa europeização é mais superficial do que geralmente se diz e se acredita. Disso resulta uma vantagem e um destino: pela nossa mestiçagem cultural e étnica e pela nossa importância econômica e demográfica somos o povo mais autorizado a falar aos povos africanos e com eles estabelecer relações de identidade que possam reforçar a luta contra o subdesenvolvimento e os resquícios, disfarçados ou descarados, da dominação colonial. No ano em que comemoramos um século da Lei Áurea, assume, portanto, significativa importância um dos mais polêmicos escritos de José Honório Rodrigues "Brasil e África, outro horizonte". Publicado originalmente em 1961, foi completamente revisto e atualizado em 1982, dividindo-se então em duas partes distintas, mas interdependentes. As relações mútuas do Brasil com a África, desde o período colonial, são analisadas na primeira, com forte apoio documental e consulta às fontes primárias, onde a presença dos interesses ingleses aparece detalhada, ampliando-se assim o conhecimento que se tinha do problema com a acurada explicação dos meandros do processo de rompimento da conexão brasileira-africana. Emerge, em um dos mais interessantes capítulos, a arte da escamoteação diplomática dos antigos senhores do mar através de uma ótica que leva em conta não serem as condições econômicas simples acidentes históricos. Na metodologia geral do livro está transparente que o autor abordou o problema inquirindo as conexões causais dos interesses internacio-

nais, segundo o princípio de que a história, quando estuda a atividade humana, deve compreender tanto a irracionalidade como as singularidades da natureza. Nisso, aliás, José Honório foi sempre um mestre.

A história da pesquisa histórica no Brasil era um tema que, até a publicação de uma hoje já famosa obra de José Honório Rodrigues, traçando-lhe o evoluir e seus grandes momentos, achava-se fragmentada e analisada superficialmente, tornando extremamente difícil a quem desejava se iniciar no "metier" de historiador conhecer o caminho já percorrido e saber onde pesquisar. Em "A Pesquisa Histórica do Brasil" porém o cotejo entre a arquivística brasileira e a estrangeira foi inevitável e uma indisfarçada amargura transpareceu em várias páginas. Mas nas outras estão o erudito roteiro para um futuro historiador, juntamente com as diretrizes para que o Brasil encontrasse um caminho para terminar sua guerra à informação. São diretrizes de quem tinha sido diretor do Arquivo Nacional e já em 1959 analisara, em um opúsculo publicado pelo Ministério da Justiça, a gravidade do problema do mais importante acervo documental do país. Ao tratar do assunto, José Honório distinguia, weberiano que era, burocracia de burocratismo e como os problemas do crescimento gigantesco da produção documental, devido ao desenvolvimento do serviço público e das empresas privadas, geravam também uma crescente responsabilidade para os administradores e historiadores relativamente aos critérios de eliminação de documentos. Muito do que se fez nesse campo deve-se às advertências de José Honório. Este foi mais um serviço que prestou à cultura brasileira.

ABSTRACT

The work of a great historian becomes part of history itself. This is the case of José Honório Rodrigues, born in Rio de Janeiro on September 20, 1913, and member of the Instituto Histórico Brasileiro, the Royal Academy of History, the American Historical Association and many other institutions. The influence of Max Weber and Benedetto Croce played an important role in his intellectual formation and his Teoria da História do Brasil is today a classic in Brazilian historiography. His book Aspirações

Nacionais demonstrates his involvement as an historian and his awareness of being a native of a country which is at one and the same time developed and underdeveloped, Africanized and Westernized, rapid and slow in its social evolution, and whose "national character" is difficult to detect because of its' diversity in time and its' great geographic expanse. José Honório Rodrigues accompanied Gilberto Freyre, but each had its own view; whereas the first was a tragedian the second was an optimist. His work - Brasile África is opportune at the moment that Brazil celebrates the hundreth anniversary of the Lei Áurea which ended slavery and long-lasting because Brazil has learned from its own history the meaning of colonial greed. Both José Honório's intellectual and everyday life were intensely vitalistic. The erudite writer and excellent historian was also an avid fan of a soccer team; and those who enjoyed the privilege of his conviviality knew that it was popular and indiscriminate. Profoundly knowledgeable about Brazilian archival sources and a former director of the National Archive, José Honório Rodrigues dedicated two books to the subject of historical research in Brazil and much of what has been recently accomplished in this field is the result of the suggestions he made.